

Psicolinguística e pragmática: entre tensões teóricas e possibilidades de convergência

Francisco Nanni Vieira¹

RESUMO:

O presente artigo examina as maneiras pelas quais a psicolinguística contemporânea tem incorporado fatores pragmáticos em seus modelos teóricos e metodológicos. Para isso, parte-se de um percurso histórico que articula duas discussões centrais: a virada pragmática nos estudos linguísticos, que reposiciona a linguagem como prática situada e social (Austin, 1990; Grice, 1975; Labov, 2008) e a consolidação da psicolinguística como disciplina experimental, originalmente vinculada a modelos formalistas e mentalista (Oliveira; Name; Mercedes, 2023). Com base nesse pano de fundo, analisa-se o modo como a psicolinguística tem buscado integrar aspectos contextuais, inferenciais e interacionais ao estudo do processamento da linguagem, por meio de noções como ação conjunta (Clark, 1996), cognição corporificada (Gibbs, 1994, 2006) e uso de paradigmas experimentais mais sensíveis à linguagem em uso (Tanenhaus et al., 1995). O artigo também destaca estudos brasileiros (Strey, 2016; Kenedy; Silva, 2024), que apontam para esse movimento, sugerindo uma reconfiguração do campo que não rompe com suas bases cognitivas, mas as amplia em direção a uma abordagem situada da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Psicolinguística. Pragmática. Processamento linguístico. Fatores contextuais.

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: francisco.vieira@estudante.ufjf.br. ORCID: 0009-0006-1376-5012.

1. INTRODUÇÃO

O fenômeno da linguagem tem sido estudado a partir de diversas perspectivas e abordagens ao longo da tradição das ciências da linguagem. Essas diferentes abordagens deram origem a distintas disciplinas, entre as quais se destacam a psicolinguística e a pragmática.

A psicolinguística investiga os processos mentais envolvidos na linguagem, buscando compreender como se dá a produção, a percepção, a compreensão e o armazenamento da língua falada e escrita. Trata-se, segundo Warren (2013, apud Fonseca; Maia, 2022) do estudo das representações mentais e dos processos que envolvem o uso da linguagem. Essa disciplina emprega métodos experimentais focados na coleta de dados observáveis do comportamento linguístico, com o objetivo de usá-los para inferir o funcionamento cognitivo da linguagem em ambientes controlados (Traxler, 2012; Oliveira; Sá, 2022).

Por sua vez, a pragmática é o campo que estuda a linguagem em uso, investigando os efeitos contextuais, sociais e interacionais no uso efetivo da linguagem. Como explicita Mey (2001), a pragmática investiga a linguagem do ponto de vista dos usuários, observando as escolhas que fazem, as restrições situacionais sob as quais atuam e os efeitos que sua linguagem tem nos interlocutores. Essa abordagem enfatiza a importância do contexto e das condições sociais na construção do significado, destacando o papel ativo dos usuários da linguagem na comunicação. Conforme destaca Huang (2017), a pragmática abrange uma variedade de tópicos centrais, incluindo atos de fala, deixis, referência e contexto. Além disso, estabelece interfaces com outras áreas da linguística, como semântica, gramática² e prosódia. Tal perspectiva multidimensional permite uma compreensão mais abrangente de como a linguagem funciona em situações reais de comunicação.

É justamente a partir dessa compreensão do fenômeno linguístico em uso que surgem críticas importantes ao modelo experimental e cognitivista tradicional da psicolinguística, que tende a desconsiderar aspectos contextuais, sociais e interacionais na análise do processamento da linguagem. Essas críticas, formuladas por correntes aliadas à pragmática (Duranti, 1997; Labov, 1972; Pruncha, 1977; Pennycook, 2010), apontam alguns limites presentes nesses

² Entende-se aqui “gramática” como o conjunto de regras e princípios que organizam a estrutura interna das línguas naturais, incluindo aspectos morfossintáticos. Não se trata, portanto, da gramática normativa, mas do sistema linguístico enquanto objeto de descrição científica.

métodos experimentais convencionais, mostrando que eles ignoram alguns fatores que envolvem a complexidade do uso real da linguagem e limitam a compreensão dos fenômenos linguísticos a ambientes controlados e artificiais.

As críticas feitas revelaram algumas limitações do modelo experimental tradicional. Consequentemente, observa-se um movimento crescente de estudos experimentais e teóricos na área da psicolinguística que vêm integrando fatores pragmáticos, interacionais e contextuais (Clark, 1996; Gibbs, 1994; Rubio-Fernández, 2025; Tanenhaus et al., 1995).

Com base nesse panorama, o presente trabalho busca compreender como diferentes abordagens da psicolinguística têm integrado fatores contextuais e sociais em seus modelos teóricos e experimentais. Para isso, percorre-se, inicialmente, a virada pragmática na linguística e o processo de consolidação da psicolinguística como disciplina, pois são etapas fundamentais para se compreender os caminhos que possibilitaram essas mudanças teóricas. O objetivo é, partindo dos aportes cognitivos e experimentais da psicolinguística, refletir sobre como é possível ampliar o diálogo com outras tradições teóricas, destacando-se, entre elas, a pragmática, que constitui o foco desta reflexão.

2. A VIRADA PRAGMÁTICA NOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

A virada pragmática constitui um marco epistemológico nas ciências da linguagem, configurando-se como um movimento de deslocamento do foco exclusivo nas estruturas formais para a compreensão dos usos efetivos da linguagem em contextos comunicativos reais.

Esse deslocamento emerge, em grande medida, como reação aos limites de dois paradigmas que hegemonizaram os estudos linguísticos ao longo da primeira metade do século XX: de um lado, o estruturalismo, cuja formulação saussuriana consolidou a análise da língua como um sistema autônomo de signos, regido por relações internas e abstraído dos sujeitos e dos contextos de uso (Saussure, 2006 [1916]; Bloomfield, 1933); de outro, o gerativismo, que, embora tenha deslocado o foco de língua como sistema para uma visão cognitivista e inatista da linguagem, manteve uma concepção formalista do fenômeno linguístico, concebendo a

língua como um módulo cognitivo inato e autônomo, apartado das práticas sociais e das condições concretas de interação (Chomsky, 1957; 1959).

Algumas das principais críticas contra esses modelos reside no fato de que ambos, ainda que ancorados em pressupostos epistemológicos distintos, um mais empirista e descritivo, outro mais racionalista e mentalista, compartilham uma perspectiva que ignora os efeitos da história, das dinâmicas interacionais subjetivas na construção do significado linguístico.

Como reação a essa hegemonia nos estudos linguísticos (Marcuschi, 2008), emergem concepções pragmáticas do fenômeno linguístico, uma visão que desloca o foco analítico e abstrato da estrutura linguística para uma concepção da “linguagem em uso, em diferentes contextos, tal como utilizada por seus usuários para a comunicação” (Marcondes, 2006, p. 219).

Dentro dessa visão, diferentes correntes teóricas passaram a investigar distintos aspectos da linguagem em uso, partindo de concepções próprias e, por vezes, divergentes sobre o que é linguagem e como ela funciona. Apesar disso, essas abordagens compartilham uma crítica comum aos modelos formalistas e estruturalistas. Austin (1990) propôs a ideia de que o ato de falar não se reduz a uma mera descrição de estados de coisas por meio de regras proposicionais e estruturas formais, mas constitui, em si, uma forma de agir no mundo. Posteriormente, Searle (1969) desenvolve e sistematiza mais pormenorizadamente essa concepção austiana, formulando uma tipologia dos atos de fala e aprofundando a dimensão ilocucionária dos enunciados. Grice (1975), por sua vez, introduz a ideia de haver um Princípio de Cooperação conversacional e sua teoria das implicaturas e máximas conversacionais, mostrando que o sentido ultrapassa o conteúdo proposicional e emerge de processos inferenciais mediados por intenções e pressupostos socialmente compartilhados. A partir desse ideário filosófico, outras abordagens linguísticas enfatizam as dimensões sociais, culturais e interacionais da linguagem, deslocando o foco da estrutura para os modos como a linguagem é efetivamente utilizada nas práticas cotidianas. Por exemplo, a sociolinguística variacionista, com Labov (2008), rompe com a noção de homogeneidade linguística postulada pelos modelos formalistas ao demonstrar que a variação não é um ruído ou desvio, mas um componente estruturado e sistemático da linguagem. A variação linguística, nesse modelo, é analisada em relação a variáveis sociais

como classe, idade, gênero, além de variáveis geográficas, revelando como o uso da língua está atravessado por fatores extralinguísticos e enraizado em contextos sociais concretos.

A sociolinguística interacional, representada por autores como Hymes (1974) e Gumperz (1982), amplia esse olhar ao considerar em suas análises não apenas quem fala e qual o conteúdo daquilo que se fala, mas em que situação, com que finalidade e de que modo. Hymes (1974) propõe a noção de competência comunicativa, destacando que o conhecimento linguístico não se resume apenas ao domínio de regras gramaticais, mas envolve também a capacidade de usar a linguagem de maneira apropriada às normas socioculturais de cada comunidade. Já Gumperz (1982) enfatiza o papel das pistas contextuais, das inferências culturais compartilhadas e dos chamados marcadores de contextualização na construção de sentido durante as interações intersubjetivas, especialmente em contextos de contato entre grupos linguísticos e culturais diversos.

A análise da conversação, desenvolvida por Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), foca na organização microsociológica da fala-em-interação. Essa abordagem parte da observação empírica de gravações e transcrições detalhadas de conversas cotidianas, revelando os procedimentos pelos quais os participantes coordenam suas falas, como a alternância de turnos, os mecanismos de reparo e os sistemas de tomada de turno. O sentido, aqui, não é uma propriedade pré-definida dos enunciados, mas algo co-construído dinamicamente pelos interlocutores, momento a momento, no fluxo da interação.

Além dessas perspectivas, a análise do discurso propõe uma abordagem crítica da linguagem, concebendo os discursos como práticas sociais historicamente situadas. Essa tradição, como dito, é marcada pela diversidade teórica e metodológica, mas compartilha o pressuposto de que o discurso não apenas reflete a realidade, mas a produz e organiza, sendo atravessado por relações de poder, processos de subjetivação e disputas por sentidos. Nas abordagens de Foucault (1987; 1987), o discurso é visto como um dispositivo que regula o que pode ser dito, por quem, em que condições. Em Bakhtin (1997), o discurso é concebido como essencialmente polifônico e dialógico, constituído por múltiplas vozes sociais e marcado por orientações ideológicas. Já Pêcheux (2010), inserido na tradição materialista francesa, destaca

a relação entre linguagem, história e sujeito, evidenciando como os sentidos se estabilizam ou se transformam a partir das posições ideológicas inscritas nas diferentes formações discursivas.

Embora essas correntes apresentem divergências teóricas e metodológicas significativas, indo de análises quantitativas de variantes linguísticas até abordagens críticas e filosóficas do discurso, elas convergem em um ponto fundamental: a rejeição da linguagem como sistema fechado e autônomo. Em vez disso, entendem que a linguagem é um fenômeno social, interacional, situado e histórico. Por isso, assumem que o significado é inseparável dos contextos socioculturais em que se produz e das relações de poder que o atravessam.

3. A TRADIÇÃO PSICOLINGUÍSTICA

A psicolinguística é um campo interdisciplinar que estuda os processos mentais relacionados à linguagem (Traxler, 2012). Embora o termo tenha sido usado pela primeira vez por Jacob R. Kantor, em 1936, o campo só se consolidou como disciplina décadas depois.

De acordo com Fernández e Cairns (2010), a psicolinguística como campo de pesquisa e disciplina se desenvolveu a partir da década de 1950, com a criação de um comitê interdisciplinar no encontro do *Social Science Research Council* (1951) e com a publicação da obra *Psycholinguistics: A Survey of Theory and Research Problems* (Osgood; Sebeok, 1954). Nesse estágio inicial, a área era fortemente influenciada pelo behaviorismo: linguistas concentravam-se na classificação de elementos observáveis da linguagem, enquanto psicólogos concebiam a fala como um comportamento motor aprendido por meio de associações e reforços. A linguagem era vista como uma cadeia de respostas verbais condicionadas, e a aquisição era explicada sem se recorrer a operações mentais internas, mas apenas pelo acúmulo de rotinas comportamentais reforçadas em contextos específicos.

Na década de 1950, a linguística gerativa promoveu uma revolução na linguística com aquilo que ficou conhecida como *revolução cognitivista*, cujas formulações chomskynianas também impulsionaram significativamente os estudos psicolinguísticos da época (Oliveira; Name; Mercedes, 2023). Nesse contexto, os psicolinguistas passaram a se concentrar em compreender os processos mentais responsáveis pela produção e compreensão da linguagem,

especialmente aqueles relacionados à estrutura sintática e à chamada gramática interna do falante. Dessa maneira, como mostra Leitão (2008), construiu-se a tradição experimental na psicolinguística, marcada pela influência dos modelos gerativistas e pelos debates da revolução cognitivista. Por isso, os estudos experimentais passaram a se dedicar ao teste empírico dos limites do modelo formal da gramática gerativa, com ênfase especial na dificuldade de processamento de estruturas sintáticas complexas. Então, desenvolveram-se métodos experimentais, como tarefas de julgamento de gramaticalidade e medidas de tempo de reação, voltados inicialmente para testar a “realidade psicológica” das sentenças.

Com o tempo, no entanto, a psicolinguística passou a expandir seus interesses para além da sintaxe, incorporando outros domínios cognitivos e reconhecendo o papel de fatores semânticos, discursivos e pragmáticos no processamento da linguagem. A análise de erros de fala e de comportamentos linguísticos em tempo real, como a feita por Levelt (1989) e Ferreira (1991), exemplifica esse movimento de ampliação dos objetos de estudo e das metodologias da psicolinguística.

A própria complexidade dos fenômenos investigados levou a área a ampliar seu escopo e a se distanciar da dependência exclusiva aos modelos gerativistas. Ao longo das décadas de 1970 e 1980, os modelos de processamento passaram a incorporar pressupostos da psicologia cognitiva, voltando-se para a compreensão dos mecanismos psicológicos e neurocognitivos que mediam a linguagem. A psicolinguística passou então a investigar, além da estrutura sintática, variáveis como carga da memória de trabalho, atenção, ambiguidade estrutural, integração semântica e inferência pragmática (Just; Carpenter, 1992; Ferreira, 1991). Nesse novo quadro, o objetivo não era apenas testar diretamente a validade de teorias linguísticas abstratas, mas entender como diferentes sistemas cognitivos contribuem para o processamento linguístico em tempo real. Assim, mesmo mantendo o rigor metodológico e o uso de tarefas experimentais controladas, a psicolinguística se constitui hoje como um campo teórico próprio, no qual a linguagem é estudada como uma capacidade cognitiva complexa, situada em um sistema mais amplo de funções mentais.

4. LIMITAÇÕES DOS MODELOS EXPERIMENTAIS

Os modelos experimentais tradicionais da psicolinguística, embora fundamentais para investigar mecanismos cognitivos, foram repetidamente criticados por seu distanciamento em relação ao uso real da linguagem. Nesse contexto, as teorias linguísticas que emergiram na virada pragmática, conforme visto, interessadas nas dimensões históricas, sociais, ideológicas e culturais da linguagem, teceram críticas importantes que evidenciaram algumas limitações dessa abordagem.

Duranti (1997), por exemplo, problematiza os protocolos experimentais voltados à aquisição da linguagem com crianças anglófonas, argumentando que eles negligenciam aspectos interculturais relevantes. Sua análise aponta uma tensão entre os métodos controlados e as práticas locais de socialização linguística. Em direção semelhante, Labov (2008 [1972]) questiona a tradição psicolinguística por estudar o comportamento linguístico infantil em ambientes artificiais, afastando-se das interações sociais cotidianas que moldam o uso da linguagem. Para Labov, modelos que ignoram fatores sociais tendem a resultados questionáveis por se distanciar das condições reais em que a linguagem é produzida.

Na mesma linha, Ochs (1979) discute problemas nos procedimentos de transcrição adotados em estudos sobre aquisição da linguagem. A ausência de critérios consistentes para registrar interações infantis comprometeria, segundo a autora, a recuperação de informações contextuais relevantes. Além disso, a seleção dos dados transcritos, muitas vezes arbitrária e pouco explicitada, pode levar a distorções no registro da experiência observada e, assim, dificultar a comparação entre pesquisas.

Já Prucha (2013) chama atenção para o viés positivista que tende a conduzir muitos estudos psicolinguísticos, na medida em que estes partem de uma perspectiva externa do pesquisador e pouco sensível à natureza situada da linguagem. Esse tipo de crítica se articula, em certa medida, com abordagens etnográficas e interacionais que destacam a perda de dados relevantes, especialmente os de ordem multimodal ³, nos processos de coleta e transcrição.

Correntes pós-estruturalistas como as estudadas acima, por sua vez, ampliam esse quadro ao deslocar a ênfase da crítica. Assim, em diálogo com essas preocupações, Goodwin

³ Aqui, “multimodalidade” é entendida como a articulação entre diferentes recursos semióticos, como linguagem verbal, gestos, expressões faciais, olhar, entonação, movimentação corporal e objetos no espaço, que juntos produzem sentido na interação.

(1994) mostra, por meio da análise de práticas profissionais, que a linguagem em uso envolve gestos, olhares, objetos e ações situadas, elementos frequentemente deixados de lado nas análises que se baseiam em dados isolados e descontextualizados.

Pennycook (2010) também contribui para esse debate ao propor uma concepção de linguagem como prática social situada, que emerge das interações locais e cotidianas. Essa perspectiva, como já enfatizado, contrasta com os modelos que tratam a linguagem como um sistema autônomo, desvinculado de seus contextos socioculturais.

Embora a psicolinguística experimental e essas abordagens focadas no uso e nas dimensões políticas da linguagem partam de objetivos de pesquisa distintos, uma voltada à identificação dos processos cognitivos envolvidos na produção e compreensão da linguagem, as outras aos modos situados de produção de sentido, as críticas formuladas por estas últimas chamam atenção para pontos que merecem ser considerados pela primeira. Ao evidenciar a desconsideração de contextos interculturais, a perda de informações multimodais e a dimensão performativa da linguagem, as abordagens interessadas no uso da linguagem não apenas apontam limitações metodológicas, mas também sugerem direções possíveis para o redirecionamento dos paradigmas experimentais da psicolinguística.

Nesse cenário, o diálogo entre a psicolinguística e as visões pragmáticas do fenômeno linguístico, mesmo que atravessado por tensões epistemológicas, pode enriquecer a compreensão da linguagem em sua complexidade. Trata-se menos de romper com os pressupostos da psicolinguística, e mais de expandir seus horizontes sem abandonar o rigor metodológico que caracteriza a área.

5. ENCONTROS ENTRE PSICOLINGUÍSTICA E PRAGMÁTICA

Apesar das diferenças de objetivos entre as diversas tradições linguísticas que formulam as críticas que acabamos de ver, elas revelam limitações relevantes dentro dos modelos experimentais tradicionais da psicolinguística, apontando para fatores pragmáticos, interacionais e socioculturais que vêm sendo negligenciados. Então, a partir da consolidação das pesquisas em processamento linguístico, que possibilitou à área expandir-se para outras

interfaces e, ao mesmo tempo, reconhecer críticas dirigidas a esse modelo, emergiu, no interior da própria psicolinguística, uma tendência a ampliar seus referenciais teóricos, metodológicos e experimentais, incorporando fatores pragmáticos e buscando aproximar-se das complexidades do uso real da linguagem.

Entre os autores que problematizam o modelo experimental tradicional a partir de dentro da própria psicolinguística; destaca-se Herbert H. Clark, em *Using Language* (1996). O autor argumenta que as teorias cognitivas tendem a tratar falantes e ouvintes como indivíduos isolados, ignorando que a linguagem é, essencialmente, uma atividade coordenada entre pessoas. Para Clark, compreender os processos mentais da linguagem exige uma abordagem que articule os aportes das ciências cognitivas e das ciências sociais, incorporando, assim, suas dimensões interacionais. Ao propor a noção de ação conjunta (*joint action*) e o conceito de terreno comum (*common ground*), ele reorienta a análise da linguagem para sua realização situada, considerando o contexto físico, o histórico conversacional e as convenções socioculturais compartilhadas. Embora sua obra não apresente modelos experimentais formais, Clark (1995) se baseia em dados empíricos de interações reais e em estudos colaborativos para sustentar a tese de que o significado é construído de forma dinâmica pelos interlocutores, oferecendo, desse modo, uma resposta significativa às críticas pragmáticas ao demonstrar que é possível investigar os processos cognitivos da linguagem sem desconsiderar sua natureza social e cultural.

Outro avanço metodológico relevante na psicolinguística é o Paradigma do Mundo Visual (*Visual World Paradigm*), introduzido por Tanenhaus et al. (1995). Nessa abordagem, participantes escutam enunciados linguísticos enquanto observam uma cena visual, tendo seus movimentos oculares monitorados em tempo real por meio de *eye-tracking*⁴. O objetivo é investigar como as informações auditivas são processadas à medida que chegam ao ouvinte e como são integradas ao seu contexto visual. Estudos subsequentes que empregaram esse paradigma têm mostrado evidências robustas de que o processamento da linguagem é altamente incremental, contextualizado e orientado por antecipações. Altmann e Kamide (1999), por

⁴ “Eye-tracking” é uma técnica que registra, com sensores ópticos, os movimentos dos olhos, como fixações e sacadas, permitindo mapear onde o olhar se concentra e a sequência dos movimentos. É usada para monitorar e inferir processos cognitivos e linguísticos em tempo real, especialmente a atenção e o processamento da linguagem.

exemplo, demonstraram que participantes eram capazes de prever o objeto de referência de um verbo antes mesmo de sua menção, com base nas expectativas ativadas pela seleção verbal (“comer” versus “mover”) em relação aos objetos possíveis em cena. Sedivy et al. (1999) ampliaram esse escopo ao investigar como ouvintes interpretam adjetivos em tempo real, revelando que elementos como contraste visual e conhecimento enciclopédico influenciam imediatamente interpretação de expressões como “o copo alto”. Já Brown-Schmidt e Tanenhaus (2008) mostraram que, em situações de conversação não roteirizada, os domínios referenciais são restritos desde os primeiros momentos do processamento por fatores pragmáticos e pelas expectativas partilhadas entre os interlocutores. Esses estudos ilustram como o Paradigma do Mundo Visual permite investigar a linguagem em condições mais próximas do uso real, integrando pistas visuais, inferências pragmáticas e coordenação interacional, dessa maneira abrindo espaço para uma psicolinguística mais sensível à dinâmica contextual do significado.

Outra contribuição importante para a reconfiguração da psicolinguística é a de Raymond W. Gibbs Jr., que propõe uma abordagem corporificada e situada da cognição linguística. Em *The Poetics of Mind* (1994), ele argumenta que a linguagem figurada, longe de ser uma exceção ou desvio, constitui um componente central do pensamento humano, sendo compreendida por meio de processos inferenciais e contextuais ativados em tempo real. Já em *Embodiment and Cognitive Science* (2006), Gibbs aprofunda essa proposta ao sustentar que a cognição emerge das interações dinâmicas entre corpo, ambiente físico e práticas culturais. Para o autor, linguagem e pensamento se enraízam em padrões recorrentes de ação corporificada, desafiando modelos internalistas e absolutamente simbólicos da mente. Ao reunir evidências empíricas de múltiplas disciplinas, sua obra reforça a ideia de que compreender a linguagem exige considerar não apenas mecanismos mentais abstratos, mas também as experiências sensorio-motoras, emocionais e sociais que moldam o comportamento inteligente.

Essa perspectiva integrada entre cognição, pragmática e uso da linguagem também ganha forma concreta nas pesquisas desenvolvidas no *Max Planck Institute for Psycholinguistics*. Reconhecido internacionalmente por sua atuação interdisciplinar, o Instituto abriga departamentos voltados à genética, neurobiologia e cognição, com destaque para os estudos da linguagem em sua dimensão social, interacional e multimodal. Uma das

pesquisadoras de referência do Instituto é Paula Rubio-Fernández, que atua no Departamento de Linguagem Multimodal com foco em pragmática experimental. Sua proposta de uma pragmática evolutiva cultural investiga como a linguagem se articula a processos de cognição social em diferentes línguas, modalidades e faixas etárias. No artigo *First acquiring articles in a second language* (2025), Rubio-Fernández explora o uso de artigos por falantes de língua adicional cuja língua materna não possui esse recurso gramatical. Os resultados de três experimentos sugerem que o uso proficiente dos artigos está ligado à automatização de processos sociocognitivos básicos⁵, desafiando a ideia de que os artigos seriam apenas elementos pragmáticos redundantes. Já no estudo *Tracking minds in communication* (2025), em coautoria com Berke e Jara-Ettinger, a autora propõe o modelo de *communicative mind-tracking*, segundo o qual microprocessos de cognição social, como o rastreamento de crenças, intenções e conhecimento partilhado, estão presentes desde as escolhas lexicais mais simples dos falantes, como o uso de adjetivos e demonstrativos. Esses vários estudos exemplificam bem uma psicolinguística que alia métodos experimentais a modelos teóricos sofisticados sobre cognição social, contribuindo para superar as dicotomias entre cognição e contexto, forma e uso, indivíduo e interação.

No Brasil, essa interface entre psicolinguística e pragmática também já é explorada em pesquisas experimentais. Algumas investigações têm buscado integrar o processamento linguístico a fatores contextuais, inferenciais e sociais, como mostram os estudos de Cláudia Strey (2016) e de Eduardo Kenedy e Gladiston Silva (2024). No primeiro caso, Strey analisa como o objetivo de leitura interfere na seleção de informações consideradas relevantes - articulando a psicolinguística à Teoria da Relevância (Sperber & Wilson, 1995) - e propõe que preferências leitoras, como optar por resumos em vez de textos integrais, se explicam por um princípio de economia cognitiva. Já Kenedy e Silva, por meio de um experimento de leitura segmentada autocadenciada, trouxeram evidências que a familiaridade e não a convencionalidade é a variável pragmática com maior impacto na compreensão de metáforas

⁵ Os processos sociocognitivos básicos estão relacionados às capacidades mentais envolvidas na compreensão do comportamento e dos estados mentais de outras pessoas, aspectos que se conectam à chamada 'Teoria da Mente'. No contexto do artigo, a autora sugere que a proficiência na linguagem, especificamente no uso de artigos, depende da automatização desses processos, como a capacidade de gerir o 'common ground' (conhecimento compartilhado) para determinar o conhecimento do ouvinte.

nominais. Além disso, Fonseca, Silva e Maia (2021) investigaram o papel de pistas prosódicas de acento contrastivo e fronteira entoacional na resolução de ambiguidades estruturais no português brasileiro. Em um experimento de *eye-tracking* usando paradigma do mundo visual, os participantes ouviam sentenças ambíguas enquanto observavam duas imagens que correspondiam às possíveis interpretações dessas sentenças. Durante a escuta, seus olhares fixaram na imagem compatível com a entoação do enunciado, o que sugere que as pistas prosódicas foram usadas em tempo real para construir a interpretação.

Embora não constituam uma revisão exaustiva, os estudos citados acima ilustram a tendência de pesquisas brasileiras recentes em psicolinguística de abordar o processamento da linguagem de forma situada, articulando fatores pragmáticos e contextuais.

6. CONCLUSÃO

Este artigo destacou as tensões mais conhecidas entre a psicolinguística e a pragmática, especialmente no que se refere à incorporação do contexto social e interacional no estudo da linguagem. É importante compreender que a psicolinguística se preocupou inicialmente com a descrição do processamento da linguagem e, para isso, se consolidou por meio de métodos experimentais rigorosos focados nos processos cognitivos envolvidos. Esse sólido conhecimento produzido ao longo dos anos permitiu o desenvolvimento de pesquisas em interfaces na área, e uma delas é a interface com abordagens pragmáticas, que enfatizam o papel do contexto e da interação entre sujeitos.

Portanto, pesquisas recentes que buscam integrar abordagens pragmáticas à tradição da psicolinguística não configuram uma ruptura radical, mas representam uma expansão interessante do campo. Essas pesquisas tentam suprir lacunas internas e responder a críticas externas, investigando a linguagem não apenas como um sistema abstrato, mas também como uma atividade situada, social e corporificada, ao mesmo tempo que preservam as bases cognitivas consolidadas na psicolinguística.

Dessa forma, a convergência entre psicolinguística e pragmática sinaliza um avanço promissor para uma compreensão mais rica e interdisciplinar do fenômeno linguístico, capaz de articular processos mentais, contextos sociais e práticas comunicativas, abrindo caminho

para investigações futuras que reflitam melhor a complexidade da linguagem.

Psycholinguistics and pragmatics: navigating theoretical tensions and paths to convergence

ABSTRACT:

This article examines the ways in which contemporary psycholinguistics has incorporated pragmatic factors into its theoretical and methodological models. To do so, it follows a historical trajectory that connects two central discussions: the pragmatic turn in linguistic studies, which repositions language as a situated and social practice (Austin, 1990; Grice, 1975; Labov, 2008), and the consolidation of psycholinguistics as an experimental discipline, originally linked to formalist and mentalist models (Oliveira; Name; Mercedes, 2023). Based on this background, the article analyzes how psycholinguistics has sought to integrate contextual, inferential, and interactional aspects into the study of language processing, through notions such as joint action (Clark, 1996), embodied cognition (Gibbs, 1994, 2006), and the use of experimental paradigms more sensitive to language in use (Tanenhaus et al., 1995). The article also highlights Brazilian studies (Strey, 2016; Kenedy; Silva, 2024), which point to this movement, suggesting a reconfiguration of the field that does not break with its cognitive foundations but rather expands them toward a situated approach to language.

KEYWORDS: Psycholinguistics; Pragmatics; Language processing; Contextual factors.

REFERÊNCIAS:

- ALTMANN, G. T. M.; KAMIDE, Y. **Incremental interpretation at verbs**: restricting the domain of subsequent reference. *Cognition*, v. 73, n. 3, p. 247–264, 1999. DOI: 10.1016/S0010-0277(99)00059-1.
- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**: palavras e ação. Tradução de D. M. de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Emsantina Galvão G. Pereira. Revisão da tradução Marina Appenzeller. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1933.
- BROWN-SCHMIDT, S.; TANENHAUS, M. K. **Real-time investigation of referential domains in unscripted conversation**: a targeted language game approach. *Cognitive Science*, v. 32, n. 4, p. 643–684, 2008. DOI: 10.1080/03640210802066816.
- CHOMSKY, Noam. **Syntactic structures**. The Hague: Mouton, 1957.
- CHOMSKY, Noam. **A review of B. F. Skinner's Verbal Behavior**. *Language*, v. 35, n. 1, p. 26-58, 1959.
- DURANTI, Alessandro. **Linguistic anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FERNÁNDEZ, Eva M.; CAIRNS, Helen Smith. **Fundamentals of psycholinguistics**. [S.l.]: Wiley-Blackwell, 2010.
- FERREIRA, F. **Effects of length and syntactic complexity on initiation times for prepared utterances**. *Journal of Memory and Language*, v. 30, n. 2, p. 210–233, 1991. DOI: 10.1016/0749-596X(91)90004-4.
- FONSECA, A. A.; SILVA, A. C. O. & MAIA, M. **Prosody and eye movements on attachment in Brazilian Portuguese (Poster)**. 34th Annual CUNY Conference on Human Sentence Processing. 2021. Disponível em: <https://www.cuny2021.io/2021/02/24/293/>
- FONSECA, Aline Alves; MAIA, Marcus. **Na trilha do processamento da linguagem: o uso de rastreadores oculares na análise de dados linguísticos**. In: OLIVEIRA, Cândido Samuel Fonseca de; SÁ, Thaís Maíra Machado de (orgs.). *Métodos experimentais em psicolinguística*. São Paulo: Pá de Palavra, 2022. p. 55–75. ISBN 978-85-7934-277-6.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 1987.

GIBBS JR, Raymond W. **The poetics of mind**: figurative thought, language, and understanding. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

GIBBS JR, Raymond W. **Embodiment and cognitive science**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

GOODWIN, Charles. **Professional vision**. *American Anthropologist*, v. 96, n. 3, p. 606–633, 1994.

GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. L. (Ed.). **Syntax and semantics**, vol. 3: Speech acts. New York: Academic Press, 1975. p. 41–58.

GUMPERZ, John J. **Discourse strategies**: studies in interactional sociolinguistics, vol. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HYMES, D. H. **Foundations in sociolinguistics**: an ethnographic approach. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.

KENEDY, Eduardo; SILVA, Gladiston Alves da. **O efeito da familiaridade como variável pragmática no processamento de metáforas**. *Gragoatá*, v. 29, n. 64, e60477, 2024. DOI: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v29i64.60477>.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEITÃO, M. **Psicolinguística Experimental**: Focalizando o processamento da linguagem. In: MARTELOTTA, M. (Org.). *Manual de lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008.

LEVELT, Willem J. M. **Speaking**: from intention to articulation. Cambridge, MA: MIT Press, 1989.

MARCONDES, Danilo. **A Teoria dos Atos de Fala como concepção pragmática de linguagem**. *Filosofia Unisinos*, São Leopoldo, v. 7, n. 3, p. 217-230, set./dez. 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEY, Jacob L. **Pragmatics**: an introduction. 2. ed. Oxford: Wiley, 2001.

OCHS, Elinor. **Transcription as theory**. In: OCHS, E.; SCHIEFFELIN, B. (Ed.). *Developmental pragmatics*. New York: Academic Press, 1979. p. 43–72.

OLIVEIRA, Cândido Samuel Fonseca de; MARCILESE, Mercedes; NAME, Cristina. **Psicolinguística experimental**: aquisição, compreensão e produção da linguagem. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, [S.l.], v. 27, n. 1, e2668, 2023. E-ISSN 1982-2243.

OSGOOD, Charles E.; SEBEOK, Thomas A. (Org.). **Psycholinguistics**: a survey of theory and research problems. Baltimore: Waverly Press, 1954.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução de Bethania S. Mariani et al. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. p. 75-116.

PENNYCOOK, Alastair. **Language as a local practice**. Londres: Routledge, 2010.

PRUCHA, J. **Psicolinguística e educação**: um novo paradigma para a pesquisa aplicada. *Letras De Hoje*, v. 30, n. 2, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/15663>. Acesso em: 21 jul. 2025.

RUBIO-FERNÁNDEZ, Paula. **First acquiring articles in a second language**: A new approach to the study of language and social cognition. *Lingua*, v. 313, p. 103851, 2025. DOI: 10.1016/j.lingua.2024.103851.

RUBIO-FERNÁNDEZ, Paula; BERKE, Michael D.; JARA-ETTINGER, Julián. **Tracking minds in communication**. *Trends in Cognitive Sciences*, v. 29, n. 3, p. 269–281, 2025. DOI: 10.1016/j.tics.2024.11.005.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. **A simplest systematics for the organization of turn taking for conversation**. *Language*, v. 50, p. 696-735, 1974.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Tradução de A. Chelini; J. P. Paes; I. Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SÁ, Thaís Maíra Machado de; OLIVEIRA, Cândido Samuel Fonseca de. Métodos experimentais em psicolinguística: uma introdução. In: SÁ, Thaís Maíra Machado de; OLIVEIRA, Cândido Samuel Fonseca de (Org.). **Métodos experimentais em psicolinguística** [recurso eletrônico]. 1. ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2022. p. 6–12.

SEARLE, John R. **Speech acts**: An essay in the philosophy of language. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SEDIVY, J. C. et al. **Achieving incremental semantic interpretation through contextual representation**. *Cognition*, v. 71, n. 2, p. 109–147, 1999. DOI: 10.1016/S0010-0277(99)00025-6.

Sperber, Dan; WILSON, Deirdre. **Relevance: Communication and cognition**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1986/1995.

STREY, Cláudia. **O objetivo de leitura em uma interface psicolinguística-pragmática**. *Texto Livre: Linguagem e Tecnologia*, Campinas, v. 9, n. 1, p. 115-133, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8645420>. Acesso em: 21 jul. 2025.

TANENHAUS, M. K. et al. **Integration of visual and linguistic information in spoken language comprehension**. *Science*, v. 268, n. 5217, p. 1632–1634, 1995. DOI: 10.1126/science.7777863.

TRAXLER, Matthew J. **Introduction to psycholinguistics: understanding language science**. 1. ed. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2012.

UST, M. A.; CARPENTER, P. A. **A capacity theory of comprehension: individual differences in working memory**. *Psychological Review*, v. 99, n. 1, p. 122–149, 1992. DOI: 10.1037/0033-295X.99.1.122.